

homens aos horizontes miseráveis da sua vida. Aqui e acolá surgia ainda uma esperança ténue: — correr mundo!... Mas logo se apagava. E' que a minúcia descritiva do prosador afogava a humanidade do artista. E por isso *Gaibéus* se prejudicava pela sua complicação de linguagem, para demais exacerbada pelo excesso exageradíssimo de regionalismo. Sendo um livro que devia, pelo seu espírito, encontrar um eco profundo entre os leitores populares, o certo é que muitos dêstes, a quem eu o recomendara, se me queixavam da sua obscuridade. O livro de Redol, todo feito de amor pelo povo, ficava inacessível a êste.

Surge-nos agora êste livro de contos. O conto é, como o notou acertadamente Campos Lima em *O Diabo*, uma expressão artística que reúne em Portugal cultivadores à altura do melhor nível estrangeiro. A emprêza de Redol era por conseguinte um passo de responsabilidade. Conseguiria êle libertar-se do *literário* que tanto o dominou em *Gaibéus*? Conseguiria libertar-se do descritivo e parado que no seu primeiro romance chegava, por vezes, a cançar? «Nasci com passaporte de turista» é um livro irregular que, ao lado de páginas francamente boas, tem outras que nos levam a acreditar na precipitação do autor. Quem escreveu o último conto, o que dá o nome ao livro, límpido de linguagem, sugestivo de humanidade; quem escreveu «A marca», o que abre a série, óptimo apesar de reflectir ainda os defeitos de *Gaibéus* quanto à clareza da descrição; quem escreveu êsses dois contos não devia nunca contentar-se com a montagem artística dos outros quatro. Não que estes sejam desprovidos de valor; o que nêles nos choca é a falta daquela plenitude que se nota nos outros dois.

Ao lêr êsses quatro contos fica-se com a impressão de que Redol poderia ter feito muito mais e que êles não entrarão na sua obra definitiva. Especialmente «A corneta de barro» e «Lua de pé» dão-nos a impressão de Redol a copiar-se a si próprio, perdida a inspiração artística. «Rafeiros» aproxima-se mais do nível dos dois melhores, mas não está à altura do seu próprio assunto. Em «Aquela história» há uma interessante evocação da mocidade do empregado de escritório. Mas em nenhum dos dois o drama chega a alcançar interesse.

E' realmente curiosa, neste livro de Redol, a duplicidade de estilo. Em «Nasci com passaporte de turista», «Rafeiros» e «Aquela história», existe uma sobriedade de linguagem que os valoriza. Pelo contrário em «A marca», «A corneta de barro», «Lua de pé», a expressão é turva como nos *Gaibéus*. Resulta isso de o autor, nestes últimos contos, falar de dentro da própria maneira de pensar dos seus personagens; e nos outros ficar como observador que nos conta o que sabe na terceira pessoa? Deve ser essa, em parte, a causa do que anotamos. Todavia ela não basta, pois que o autor possui qualidades que lhe permitem superar essa duplicidade.

Redol promete-nos um novo romance, *Marés*, e nós esperamos que nêle vença definitivamente a facilidade de narrar que se anuncia em «Nasci com passaporte de turista». De facto, o fundo humano da sua obra merece uma exploração literária mais aperfeiçoada, que o traduza melhor, com mais clareza e acessibilidade. E' que, não nos esqueçamos nunca disso, nos escritores que ainda se encontram muito àquém da época servil, a forma reage favoravelmente sôbre o fundo.

Os personagens dos contos de Alves Redol irradiam um interesse geral que os transcende, falam-nos da vida, do sofrimento dos não-possidentes, com um poder de convicção enorme. Algumas das suas páginas são profundos documentários da nossa época e da nossa vida. Por si sós essas páginas são verdadeiras contribuições para a história do nosso tempo. Que o autor repare nisso e nos diga depois se são necessários alindamentos e rebuscados. Os melhores contos dêste livro são exemplos da fecundidade do neo-realismo e exemplos que o honram como quaisquer outros dos melhores da nossa língua. (J. A.).

a vida turbulenta do padre josé agostinho de macedo

CARLOS OLAVO

(Guimarães & C.^a, Lisboa)

O Dr. Carlos Olavo propôs-se com êste livro fazer um estudo biográfico-histórico do Padre José Agostinho de Macedo. Deve